

MAIS DE  
1 MILHÃO  
DE LIVROS  
VENDIDOS

# Niklas Natt och Dag

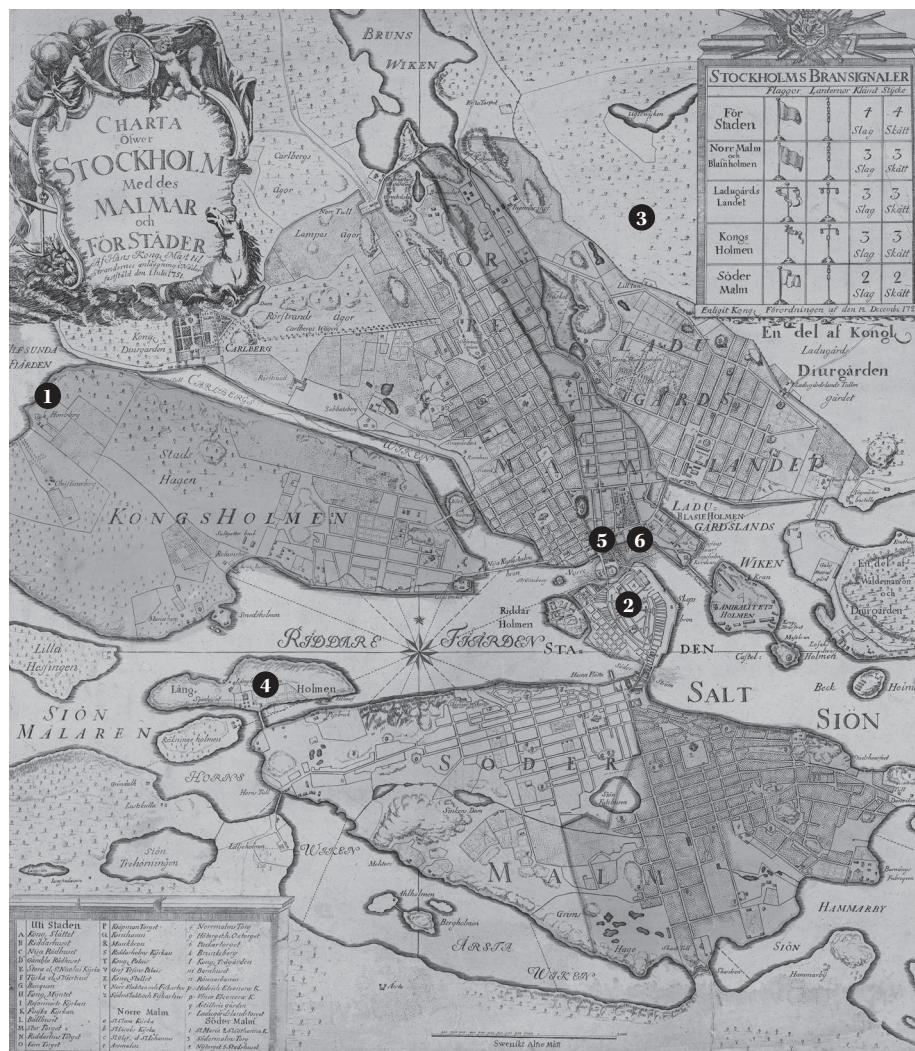


SUMA  
de lettras

*Quem irá sustar o fio no dédalo  
obscuro para onde as nossas  
pulsões nos arrastam?*

DONATIEN ALPHONSE FRANÇOIS DE SADE, 1795

# Mapa da cidade de Estocolmo em 1751, desenhado por George Biurman (Arquivos da Cidade de Estocolmo)



Ilin Staden	
A. Goss Stadell	B. Roppen Tengd
B. Goss Stadell	C. Korshamn
C. Västra Riddarholmen	D. Blasieholme
D. Riddarholme	E. Brunnsläge
E. Skeppsholmen	F. Engs. Flodström
F. Skeppsholmskyrkan	G. Engs. Flodström
G. Skeppsholmskyrkan	H. Rosensborg
H. Skeppsholmskyrkan	I. Rosensborg
I. Skeppsholmskyrkan	J. Rosensborg
J. Skeppsholmskyrkan	K. Rosensborg
K. Skeppsholmskyrkan	L. Rosensborg
L. Rosensborg	M. Rosensborg
M. Rosensborg	N. Rosensborg
N. Rosensborg	O. Rosensborg
O. Rosensborg	P. Rosensborg
P. Rosensborg	Q. Rosensborg
Q. Rosensborg	R. Rosensborg
R. Rosensborg	S. Rosensborg
S. Rosensborg	T. Rosensborg
T. Rosensborg	U. Rosensborg
U. Rosensborg	V. Rosensborg
V. Rosensborg	W. Rosensborg
W. Rosensborg	X. Rosensborg
X. Rosensborg	Y. Rosensborg
Y. Rosensborg	Z. Rosensborg

Sverni Alsta Min  
O Biurman d. 1751

## PREFÁCIO

Outono de 1794

# 1

Tycho Ceton caminha, encolhido, enquanto abandona a proteção das ruelas e se dirige em passo ligeiro para a ruidosa clausa de Polhem. Para trás ficou a música dos arcos e das cordas que há pouco enchia o mundo de paz e o fazia tudo esquecer. Ouve dobrar os sinos na noite de outono, sabe que são um alerta para o incêndio no orfanato, mas sente-se como se também soassem por ele e por mais ninguém, como se o avisassem da sua presença e o mostrassem, vulnerável, frente ao mundo inteiro. Dá um passo em falso no buraco deixado por uma pedra da calçada ausente e arranca a fivelha do sapato, mas não quer parar, anda simplesmente um pouco mais devagar para não ficar descalço. Apercebe-se de imediato de que está só: Jerrick, o seu ajudante e homem de confiança, aquele que estava sempre ao seu lado, abandonou-o. Deve ter metido por alguma ruela, sem se despedir, depois de receber o dinheiro exigido por lhe dar a mensagem funesta de que ficou sem defesa, sem proteção. Não o surpreende, não esperava outra coisa: a lealdade não passa de traição adiada. A sua vida tem preço, e muitos quererão ganhar umas moedas. Será preferível sair dali o mais depressa possível, antes de ver as cordas da avareza, tão diferentes das dos violinos, esticar-se até partir, nessa mesma noite.

Chega à ponte levadiça e vê o Báltico alongar-se a perder de vista. As suas águas agitadas espumejam sob a luz das estrelas, mas o vento parece concentrar-se em açular o lago Mälaren, cujas ondas iracundas salpicam a ponte por entre o tabuado. Tem de se agarrar à balaustrada para não escorregar e cair. A ressaca aquosa que resvala pelas estacas parece sussurrar-lhe, malévolamente: *Os teus credores pisaram-te os calos, todas as tuas dívidas venceram; resta-te apenas o sangue*

*para as pagares.* Uma vez do outro lado, avista de imediato uma carruagem cujo cocheiro dorme com as mãos nas axilas e o queixo apoiado no peito. Acorda-o, sobe e instala-se entre os vidros sebentos e rachados. Os cascos dos cavalos encontram rapidamente o ritmo.

Pouco depois, encontra-se diante de um edifício que conhece muito bem. No meio da escuridão da noite, lembra-se do reboco ocre, dourado sob a luz do sol. Agora é igual a qualquer outro. Algumas folhas de roseira refugiaram-se junto ao muro, mas as rajadas de vento fazem-nas evolar-se e rodopiar. Atravessa a vedação e percorre o caminho empedrado. Gustava, a criada, abre apenas uma frincha, mas ele lança o seu nome:

— Tycho Ceton!

Empurra a porta e arranca-lhe das mãos o candelabro de latão. Ela é suficientemente lesta para se afastar do seu caminho e deixá-lo entrar para o vestíbulo. Ali, já é evidente o fedor a putrefação na alcova, que nem todas as flores do mundo conseguiram disfarçar. Em frente à porta, tapa o nariz com o lenço perfumado, mas depois muda de ideias e volta a metê-lo no bolso, decidido a manter a imagem de que nada que dela venha o pode abalar, nem mesmo o asco. Repara na frieza da maçaneta de latão e hesita uns segundos, antes de a rodar.

O cheiro nauseabundo que o recebe é tão denso que parece materializar a penumbra, transformá-la em neblina ou fumo. O candelabro cega-o mais do que lhe ilumina os passos. Deixa-o em cima de uma mesa junto à parede e fica uns instantes parado, diante da cama de dossel. As sombras são como um véu que oculta a sua ocupante. Procura acalmar-se para ouvir se ressona, se dorme, mas tudo indica que está acordada. O ressentimento apodera-se dele: mais uma vez, sente-se em desvantagem. Está ali, deitada como uma cobra no seu esconderijo, a observá-lo com toda a paciência que os anos lhe concederam e ele nunca poderá emular.

— Deixaste-me à espera, querido Tycho.

Ceton estremece perante uma voz demasiado aguda para corresponder a uma mulher adulta. Na sua paralisia, aquele corpo foi

engrossando cada vez mais, mas a voz continua a mesma que brotava do peito esbelto de uma jovenzinha. A sua agonia deve ser terrível, mas o tom faz pensar em alguém a saborear um copo de vinho doce. Obriga-se a responder, sentindo o suor começar a escorrer-lhe sob a camisa.

— Miranda.

Ela fica a rir ao ouvir o seu primeiro nome. Tycho sente a língua inábil, a mente relutante: perdeu a iniciativa e só lhe resta esperar que ela revele as suas intenções.

— Ai, Tycho, tens a voz a tremer! E diante da tua própria esposa! Mas estou certa de que essa timidez não se deve apenas a mim. Os sinos estão a dobrar há horas. Mandei a pequena Gustava ir espreitar do alto da colina. Explicou-me que há um incêndio na ilha de Kungsholmen, e, logo de seguida, apareces tu. E em que estado! Molhaste a camisa com a transpiração, e esse cheiro a angústia rivaliza com o das minhas úlceras. Diz-me, o que se passa, amor?

O escárnio arde em cada palavra. Para seu desaire, a língua da mulher sempre foi um chicote que o fustiga no ponto em que mais dói. O rancor não lhe dá espaço para formalidades, incita-o a falar sem rodeios:

— Quanto disto é obra tua, Miranda?

— Bem, Tycho... como deves compreender, alguém que, como eu, não consegue descolar sequer um dedo dos lençóis não pode responder de forma inequívoca a esse tipo de perguntas, mas espero que esta catástrofe me possa ser atribuída pelo menos em parte, tendo em conta o meu papel nela. — Mexe a cabeça na almofada, e uma sineta tilinta. — Recebi uma visita com a qual sonhava há muito tempo e tenho de reconhecer que de início não satisfez as expectativas. Tratava-se de um homem alto e de outro baixo; o alto estava tão exaurido e maltratado que mal parecia uma pessoa, além de ter um braço mais curto; o baixo... enfim, era evidente que não estava de todo no seu perfeito juízo. Não duvidei de que a tarefa que lhes haviam concedido era impossível. Quem acreditaria em semelhantes

patranhas, por mais provas e confissões, até, com que contassem? Mas o maneta ardia de raiva. Quase fez encrespar-se o papel pintado das paredes. Perguntou-me que mentiras lhe tinhas contado ou a que ponto havias alardeado as tuas atrocidades. Acabei por os mandar para a sala de anatomia, na esperança de que aquela fúria mascarada de homem te matasse ali mesmo, mas calculo que subestimei o seu autocontrolo.

— É tudo?

— Bem, também lhes contei algumas coisas acerca de ti, querido Tycho, acerca dos teus muitos problemas. Mas não lhes disse tudo.

— E porque não?

— O pânico toldou-te o espírito. Sabes bem porquê! Como te disse, não me parece que aquele par singular consiga o seu objetivo, mas, se eles não quiserem averiguar mais, logo aparecerão outros, e contar-lhes-ei tudo, a menos que me concedas aquilo por que há tanto anseio.

Ele deixou-a continuar sem dizer nada. Sente as témporas latejar.

— Vais libertar-me, Tycho. Não tens outra opção, embora saiba que preferias mandar outras pessoas fazê-lo e ficar a assistir. Não procures a Gustava pelo canto do olho: já aqui não está. Aconselhei-a a fugir sem olhar para trás mal tivesses transposto a porta. Esta noite, por uma vez na vida, terás de ser tu a executar a tarefa e, enquanto isso, durante todo o tempo que demorares a arrancar-me esta vida lastimosa e inútil, quero que penses que fui eu quem ganhou. Eu ganhei a última partida, Tycho, e sinto que todos os anos que passei nesta cama, cada hora e cada minuto, valeram a pena, agora que te vejo derrotado. Lembras-te do dia em que nos casámos? Nessa altura, antes de te conhecer melhor, parecias-me muito belo, mas agora, assustado e humilhado, pareces-me ainda mais. Vamos, despacha-te, querido, que o teu paradeiro é conhecido, e os teus inimigos anseiam pela recompensa. A minha morte não será,

nem pouco mais ou menos, a última. Quem achas que irá aparecer primeiro, o guarda maneta e o louco esquálido, os teus velhos irmãos da Ordem das Euménides, algum dos nobres cavalheiros que extorquiste? Pergunto-me que mãos te matarão. Se Deus existe, conceder-me-á pelo menos a possibilidade de assistir a tudo do inferno, mas não é isso que importa neste momento: faz o que tens de fazer antes que o tempo se acabe.

Sabe que ela tem razão, mas, ainda assim, hesita, dá mil voltas ao assunto, como o jogador de xadrez que tenta compreender como diabo lhe fizeram xeque-mate. Como se estivesse a viver um pesadelo, aproxima-se passo a passo da cama até ver o rosto de Miranda e divisar o seu corpo volumoso por baixo da manta. Sente asco, respira agitadamente, e o ar viciado satura-lhe os pulmões; engole saliva para não vomitar. Ela solta uma gargalhadinha alegre.

— Lindo Tycho, é como ver um rapazinho assustado na sua primeira vez...

Ele tira a almofada de debaixo da sua cabeça e, a tremer, coloca-a sobre o rosto dele. Depois, pressiona-a sobre o seu rosto, estendendo os braços, mas a agonia prolonga-se como se a areia do relógio se tivesse transformado em melação. Tem de inclinar para diante, de apoiar todo o seu peso, de se entregar a uma espécie de abraço caricatural. Estremece de repugnância ao sentir as carnes flácidas dela bambolear, e, durante bastante tempo, ouve, amortecido pela seda e pelas penas, o riso triunfal de alguém que foi sua mulher e o tilintar abafado de uma sineta.

Ao sair, tem de se apoiar na parede. Levou algumas coisas de valor e umas quantas moedas que restavam da sua fortuna, mas nem sequer sabe se resgatou todas: o pânico fê-lo esquecer muitos esconderijos. Levou uma bolsinha de tecido e pronto. Ela jaz morta na sua alcova, mas tem os olhos abertos, e ele sente o olhar trocista segui-lo através das paredes. No pátio ainda é de noite, mas tudo mudou. Detém-se em frente à vedação, como se tivesse uma seta

apontada para si: é o terror que sempre habitou no canto mais profundo do seu coração, que ali se aninhou e cresceu, se não esquecido, pelo menos oculto de todo o mundo. Agora, porém, decidiu revelar-se ao mundo e apoderou-se da terra: está em toda a parte. Tycho Ceton sufoca um gemido e foge como a lebre que não pode evitar que o vento transporte o seu cheiro até aos cães.

## 2

Düllitz, o usurário, tem um mau pressentimento quando ouve bater à porta; está habituado ao humilde apelo dos que ali aparecem, prontos a suplicar, e que pedem implicitamente desculpa pelo incômodo ao rasparem apenas a madeira com as unhas. Agora, pelo contrário, distingue os açoites severos de uma bengala, que fazem pensar em alguém que não receia danificar a madeira com o castão de prata, nem depois ter de responder por isso. É tarde, mas espreita entre as cortinas de uma janela do segundo andar, procurando não chamar a atenção, e consegue distinguir dois homens. Vão disfarçados, com os chapéus de abas enterrados até às sobrancelhas. A isso está habituado; é agiota, e poucos dos que o visitam teriam vontade de o conhecer. Atrás desses dois, na encosta que desce até à ruela Ormsaltaregränden, esperam mais dois, com ordens para manter a distância. Encolhem os ombros para se protegerem dos chuviscos, mas trata-se sem dúvida de tipos robustos, e os seus sobretudos escondem certamente uniformes. Por cima dos telhados, do outro lado da eclusa de Polhem, brilham os lampiões das vielas e as janelas iluminadas da cidade entre pontes, envolta em cortinas de chuva, um animal com muitos olhos que parece observá-lo umas vezes com desinteresse, outras com despeito. Muitas vezes, contemplou Estocolmo dali, desconhecida, mesmo passados tantos anos, e teve a convicção de que um dia a cidade o conduziria à sepultura que ele próprio escavasse para si.

Düllitz comprehende de imediato a que se deve a visita que esteve a aguardar sem se atrever a reconhecê-lo. Ainda assim, perante os factos consumados, não consegue evitar questionar as decisões que o levaram àquele beco sem saída. Talvez haja um momento na vida

de todos os homens em que o tédio quotidiano se torna insuportável, um instante em que o prato correspondente ao futuro perdeu peso ao ponto de a balança da vida se inclinar inevitavelmente para o passado, e no qual surge a tentação de recuperar a juventude através da insensatez. Devia ter recusado aquela missão, mas não quis ouvir a voz da razão. E, não fosse Anna Stina Knapp, o perigo não estaria a bater-lhe à porta. Apareceu no momento exato com tudo o que era necessário. Que coincidência! E talvez ele se tenha deixado levar pela compaixão... ou pela perturbação. Decide deixar as recriminações, embora aquele assunto há muito não lhe traga qualquer benefício. Voltam a bater insistente à porta. O criado acordou; está de ressaca e, da antessala, lança-lhe um olhar cheio de interrogações e receio, mas ele faz-lhe sinal para desaparecer e vai ele próprio correr o ferrolho, consciente de que os dados foram lançados e o resultado selará o seu destino.

Convidou os visitantes a sentar-se. O fogão de cerâmica já está aceso, mas o calor das chamas ainda não consegue vencer o frio, e o chefe da polícia Ullholm recebe, de luvas calçadas, a taça *römer* com vinho que o moço lhe oferece, com as mãos a tremer.

— Reconhece o meu acompanhante, não é verdade?

Dülitz anui com a cabeça, enquanto acende, uma a uma, as velas do candelabro; apesar de tudo, alegra-se por as suas mãos denunciarem menos os seus sentimentos do que as do serviçal.

— A reputação precede o secretário delegado Edman.

Johan Erik Edman é pelo menos quinze anos mais novo do que o chefe da polícia. Tem uns olhos inquietos e um nariz inchado e húmido que se ouve incessantemente. Ullholm saboreia o vinho.

— Exato. Qualquer pessoa no seu ofício faz bem em manter-se informado. Sendo assim, também deve saber que o senhor Edman é a aranha na teia constituída pelos informadores da Coroa, o nosso leão à caça dos gustavianos. Graças aos seus esforços, o traidor de Armfelt fugiu do reino com o rabo entre as pernas.

Düllitz assente.

— O senhor Edman é muito respeitado nos círculos mais sombrios em virtude da sua natureza implacável e dos seus engenhosos métodos para obter confissões, inclusive daqueles cuja culpa se encontra tão bem dissimulada que nem chegam a lembrar-se dela.

Da garganta de Edman sai um som sibilante. Talvez pretenda ser uma gargalhada, mas este desata de súbito a tossir cada vez mais, até se ver obrigado a tapar a boca com um lenço. Ullholm dá-lhe umas palmadinhas nas costas com todo o respeito de que é capaz, mas de pouco serve.

— Infelizmente, o senhor secretário tem a voz embargada; a saúde foi sempre o seu calcanhar de Aquiles e o principal aliado dos seus inimigos, e os numerosos e amargos processos judiciais do outono, acrescidos dos constantes aguaceiros, deixaram-no mudo, esperemos que apenas temporariamente. A verdade é que o seu empenho não lhe dá tréguas, e confiou-me a tarefa de falar em seu nome.

Düllitz deixa que o seu próprio silêncio exorte o chefe da polícia a continuar.

— Ora bem, como deve saber, Ehrenström foi levado na semana passada para o cadafalso, na praça Nytorget. Graças aos esforços de Edman, o tribunal convenceu-se de que estava envolvido na conspiração liderada por Armfelt. No entanto, pouparam-lhe a vida quando já tinha a cabeça no cepo. Em contrapartida, enviaram-no para a fortaleza de Karlsten, para aí ficar a apodrecer. Ali chegado, só de ver os muros de pedra do seu novo lar e o seu miserável catre de madeira, foi acometido pela nostalgia dos edredões de penas e tapeçarias e aflorou nele o desejo de colaborar, ausente quando se encontrava na presença do juiz. — Ullholm faz rodar o castão da bengala entre os dedos. — Também saberá seguramente que Ehrenström era um diplomata muito respeitado na corte de São Petersburgo; trata-se de um homem suficientemente inteligente para não pôr os ovos todos dentro do mesmo cesto. Sabe que a sua condenação à morte poderá ser trocada por títulos honoríficos daqui a alguns anos, quando o

príncipe herdeiro chegar à maioridade e o regente Reuterholm não for mais do que uma simples recordação, mas, como não quer esperar pela clemência em condições deploráveis, aceitou colaborar em troca de algumas comodidades, tudo sem atraiçoar os seus cúmplices mais do que considera estritamente necessário.

Os olhos de Edman brilham com malícia, porque o seu acompanhante está prestes a chegar ao cerne da questão. Ullholm inclina-se para a frente.

— Eis o que Ehrenström me contou: um intermediário, cujo nome accordámos em não revelar de momento, bateu à sua porta no outono passado. Em troca de algumas moedas, pediu-lhe para arranjar maneira de Magdalena Rudenschöld comunicar com os seus velhos aliados. A ideia era a dama elaborar um registo de todos os seus cúmplices, que nem sequer se conhecem uns aos outros, para reforçar a unidade da conspiração e voltar a dar esperança de triunfo à revolução gustaviana.

— Ullholm sente a garganta seca depois desta tirada, pelo que se serve de vinho e bebe, deixando depois a taça *römer* em cima da mesa, mas perdeu o fio à meada. Coça a testa sob a orla da peruca e volta a olhar para Edman, que tossica para lhe indicar que continue. Nada. Edman tamborila no chão com um dos pés e desenha círculos no ar com o indicador. Finalmente, os seus gestos ganham sentido para Ullholm, que continua: — Ah, sim. Magdalena Rudenschöld estava fechada entre as putas da fiação de Långholmen, numa cela provisória, à espera de um lugar mais apropriado. A fiação é um local com uma administração péssima, o que facilitou a tarefa. Depois de termos interrogado vários guardas, ficámos a saber o que se passou, embora não deixem de ser uma corja de bêbedos que podem perfeitamente estar a mentir, ou talvez o próprio álcool, que os deixou atoleimados ao ponto de confessarem, os tenha impedido de ver bem o que se estava a passar mesmo debaixo dos seus narizes ou de o relatar de um modo fiável durante o interrogatório.

Agora é Johan Edman que se inclina para diante. Aproxima o candelabro o suficiente para que ilumine o rosto de Dülitz antes de Ullholm formular a pergunta que ali foi enunciar:

— Diga-me cá, Dülitz, onde está a carta de Magdalena Rudenschöld com os nomes dos seus cúmplices?

Agora é a vez de Dülitz encher o copo e beber. Pretende criar uma manobra de diversão, mas não lhe ocorre qualquer ardil de última hora, nem repara sequer no sabor do vinho.

— Tudo o que afirmou é verdade, não o posso negar. Mas algo correu mal.

Ullholm e Edman trocam um olhar, e, um segundo depois, este último faz um gesto para convidar Dülitz a continuar.

— Por um mero acaso, encontrei uma rapariga, Anna Stina Knapp, que me disse conhecer uma entrada secreta para a fiação de Långholmen: um túnel por baixo do muro, primeiramente construído para manter o solo drenado, mas esquecido com os anos, porque era demasiado estreito para alguém conseguir passar por ali. Surpreendentemente, ela evadira-se pelo túnel no verão anterior, pelo que lhe confiei a missão de se voltar a introduzir lá por ele. Lamentavelmente, desde então não voltei a ter notícias suas.

— E o que o faz pensar que terá tentado sequer empreender a tarefa?

Ele próprio se interrogou muitas vezes a esse respeito.

— Deu-me a sua palavra. Passo os dias rodeado de mentirosos, mas nela acreditei; estava metida em grandes sarilhos, e a sua única saída era cumprir o que me prometera. A verdade é que não se encontra em Långholmen, disso estou certo, mas ignoro se a famosa carta chegou sequer a ser redigida e, sendo esse o caso, onde poderá estar.

Os olhos de Edman, habituados a distinguir a sombra da mentira nas pessoas que interroga, cravam-se nos de Dülitz, enquanto Ullholm, irritado, tamborila com os dedos na mesa.

— Por seu lado, o senhor não inspira propriamente confiança.

Dülitz, com os olhos de Edman ainda cravados nos seus, inclina-se por cima da mesa.

— Se a carta estivesse nas minhas mãos, já teria começado a negociar o seu preço; teria tentado obter de outro interessado uma

quantia superior àquela que o cliente original me ofereceu, ou teria solicitado alguma vantagem por parte das autoridades, em troca da minha boa vontade. Por outro lado, se a tivesse simplesmente entregado àquele cliente, cuja identidade desconheço, não teriam os confidentes do senhor Edman assinalado já mudanças nas fileiras dos revolucionários?

Edman fica a pensar por um instante antes de se voltar a reclinar na cadeira. Faz um trejeito, confirmando a lógica dos argumentos de Dülitz, olha para Ullholm e anui brevemente com a cabeça. O chefe da polícia suspira, levanta-se e sacode a parte de baixo do casaco como se tivesse estado sentado em cima de um monte de cinzas.

— Combinado. Parece que perdemos tempo. Encontre a rapariga, Dülitz: é ela a chave. Essa carta cujo paradeiro só ela conhece é, neste momento, o documento mais importante do reino.

— Deixem-me reiterar que os meus esforços foram consideráveis, mas sem qualquer resultado.

Edman estende a mão esquerda num gesto digno de um césar romano a determinar o destino de um gladiador: simula uma pinça com a mão direita e prende nela o polegar esquerdo. Ullholm esconde um bocejo com as costas da mão enluvada.

— Aquilo que o meu colega quer sublinhar, Dülitz, é que talvez devesse esforçar-se um pouco mais. Os nossos utensílios para esmagar polegares podem estar um pouco obsoletos, mas uma gotinha de óleo será suficiente para voltarem a funcionar. E, quando os ossos começam a ranger, até o mais recalcitrante dos homens canta a sua ária *molto vivace* para evitar a dor. Normalmente, concedemo-lo de imediato, porque não gostamos de ouvir gritos e gemidos, mas, no seu caso, é possível que o senhor Edman só no-lo autorize depois de virado o século, para ficar com uma noção de datas.

# 3

As labaredas animam as sombras a dançar nas paredes das casas, mas estas regressam aos seus esconderijos com o amanhecer. Já é alvorada, e lá fora, entre as ruínas carbonizadas do orfanato de Hornsberget, ouvem-se os gritos dos homens, cansados e cobertos de fuligem. Mas os seus apelos são bastante diferentes dos da noite anterior; os responsáveis por apagar o incêndio sabem que o seu trabalho deu frutos; as chamas bateram em retirada. Interrompem os jatos de água das mangueiras para contemplar o cenário fumegante, deixam que os cavalos arrastem para longe as carretas que tiveram de aproximar, contra o seu instinto, para que as mangueiras de couro atingissem o alvo. O fumo evola-se, ondulante e espesso, para lá das fronteiras que os vivos definiram para a devastação, e apenas algumas chamas crepitam reclamando ainda o seu território, túmulo de cem crianças órfãs ou abandonadas. Lá em cima, na encosta, entre a fumarada e as primeiras árvores do bosque, adivinha-se apenas o contorno de dois homens junto a um bebedouro, de onde emergem apenas umas pernas nuas. O sol ocupou o horizonte, mas o fumo e a névoa mantêm-no escondido.

Emil Winge pegou na mão de Cardell, que treme de cada vez que inspira, e a dor das queimaduras que tem por todo o corpo aviva-se. Apesar de tudo, parece sofrer menos do que instantes antes, talvez por já não lhe restarem lágrimas para humedecer as faces abrasadas. A escuridão deu tréguas, e aquilo que o infeliz Erik Drei Rosen, responsável pelo incêndio, tomou pela cabeça de um touro, os cornos pontiagudos de um minotauro de pesadelo, voltou simplesmente a ser o rosto do guarda municipal, ainda que deformado pelo efeito do

calor e do fogo. Perdeu o cabelo, tem bolhas por todo o lado, além de sangue e fuligem misturados.

— Vem comigo, Jean Michael.

As crostas acabadas de solidificar rangem e fendem quando o guarda vira o pescoço, tentando saber quem se lhe dirige. O brilho dos seus olhos, meras fendas no meio do inchaço, era quase imperceptível. Da sua dor brota uma pergunta que Emil não escuta bem, mas que é fácil de adivinhar e envolve o homem que jaz sob a água de uma tina.

Prefere não lhe responder.

— Apoia-te no meu ombro. Não podemos ficar aqui. Se nos descobrirem, será pior.

Cardell ergue a sua única mão e parece surpreendido aovê-la. Abana a cabeça.

— Nunca tinha matado assim. Carreguei muitas vezes canhões com pólvora e balas e apontei para o lugar onde os inimigos estavam reunidos, tentando causar o maior estrago possível, mas sempre enquanto obedecia a ordens; também paguei os pontapés e os murros de qualquer fanfarrão na mesma moeda e acabei a saldar a dívida com juros, mas nunca tinha matado ninguém assim. O Drei Rosen não tinha maneira de se defender. Era inocente até prova em contrário. Vou ficar aqui à espera da justiça.

Emil lança uma olhadela por cima do ombro; ainda não se encontra nenhum polícia por ali, nenhuma placa ao pescoço a refletir os primeiros raios de sol, apenas bombeiros e camponeses que chegaram a correr, vindos de terra firme, ansiando ajudar a proteger um território que lhes pertence e partilhar uma honra que agora se pode ganhar sem correr grandes riscos. Mas os homens da esquadra da polícia não tardarão a abandonar os seus confortáveis assentos para ir investigar as causas da catástrofe.

— A justiça? Receio bem que a tua espera seja longa e infrutífera. Sabe-lo melhor do que ninguém; a justiça que desejamos não sobrevirá sem a nossa ajuda.

Os olhos de Emil detêm-se no morto. A água está vermelha e turva, apenas as pernas magras de Drei Rosen assinalam a sua sepultura.

— A sua morte junta-se às muitas que carregaremos na consciência, desta noite em diante. É possível que tenha sido Erik Drei Rosen a atear o fogo, mas Tycho Ceton moldou a vela, e nós passámos-lhe o fósforo. Ajudaste-o simplesmente a alcançar o seu objetivo; a sua morte era certa, e quanto mais cedo ocorresse melhor para ele. Erik Drei Rosen incendiou Hornsberget para abrir uma fenda através da qual havemos de chegar a Ceton. Se te sentires culpado, o melhor que podes fazer é tentar cumprir a sua última vontade; caso contrário, tudo isto terá sido em vão.

— Depois disto, não há batalha que valha a pena.

— Talvez possamos atenuar esta derrota; ou ganhar, até, mesmo que não seja a vitória que desejávamos.

Emil puxa-o pelo braço, mas sente-se como se estivesse a tentar mover uma rocha talhada à imagem e semelhança de um ser humano. Cardell tosse, e a sua voz reduz-se a um mero sussurro.

— E porque me queres ajudar? Quando me deram a escolher entre ti e Anna Stina, escolhi-a a ela.

— Eu sei, e sei porque o fizeste.

— A minha boa vontade acabou por queimar os seus dois filhos e mais cem crianças.

Emil desvia o olhar, procurando a rapariga que avistou há menos de uma hora no meio do incêndio. Já não se encontra ali.

— A ti cabe-te apenas metade da responsabilidade; o resto pertence-me a mim. Mas não posso escolher por ti. Lembras-te do meu primeiro dia de sobriedade? Deste-me liberdade de escolha. Mas, se decidires vir comigo, terás de me dar a tua palavra de que lutarás por aquilo que ainda é possível ganhar.

Cardell fica calado, e Emil Winge sustém a respiração até ouvir a sua resposta.

— Sim, dou-te a minha palavra.

— Seja qual for o preço.

— Seja qual for o preço.

Pega em Cardell pelo braço.

— Anda, vem comigo.

Puxa aquela rocha com forma humana até conseguir movê-la.

Cardell dá um passo hesitante, depois outro. Emil agarra-o pelo cotovelo para o guiar, encosta acima. Do outro lado da colina, principia o caminho que leva à cidade entre pontes. Cardell pára no cimo da vertente, com o braço flácido a endurecer de imediato, e detém Emil como se tratasse de um tronco de carvalho.

— Sabes que este caminho nos conduzirá ao inferno, certo? Queres mesmo percorrê-lo com um aleijado que já te atraiçou uma vez?

Emil emite um som que poderia ser uma gargalhada ou um gemido.

— Achas que estás em melhor posição do que eu, Jean Michael? Vais a caminhar apoiado num homem que conversa com os mortos e não sabe distinguir uma alucinação da realidade. Mas haverá porventura outro caminho? Se este não nos conduzir aonde queremos ir, que seja a nossa punição; afinal, a corrente que nos prende à vida já não é a esperança, mas a culpa.

— E seremos amigos, durante o tempo que passarmos juntos?

Emil nega com a cabeça, incapaz de mentir. O seu tom torna-se amargo:

— Não, Jean Michael, não voltaremos a ser amigos. Peço-te apenas uma coisa: resolve primeiro os teus assuntos com a jovem Anna Stina Knapp. Não terás qualquer utilidade para mim, enquanto não o tiveres feito. Depois, vem ter comigo.

— E o que pensas tu fazer?

— Irei à sede da polícia falar com Isak Blom e tentarei a todo o custo que nos devolva os nossos cargos. Não será fácil, tendo em conta a maneira como nos despedimos. Depois começarei a procurar o rastro que devemos seguir. Mantém-te a postos, para quando dermos início à caçada.

Cardell dá o primeiro passo sem ajuda, soltando um queixume a cada movimento.

Emil vira as costas à coluna de fumo que se ergue no meio da devastação. Não se perderam apenas vidas e bens; ele próprio deixou de ser quem era. Desde que tem memória, lembra-se de ter alimentado a cólera que arde dentro de si, mas o que era apenas uma pequena chama solitária é agora uma fogueira a que se juntou o combustível da impotência. Sente-se preso como um inseto numa teia de aranha, como uma traça debaixo de uma campânula de vidro; o que se passou não se pode desfazer. E prende-o com laços invisíveis. Se antes agia por vontade própria, agora fá-lo coagido. Entrementes, a cidade entre pontes continuará a ser a sua jaula.

O medo sempre foi o aliado da raiva. Tenta em vão consolar-se; enfrentou o minotauro cara a cara, ousou penetrar na escuridão do centro do labirinto, ouviu as crianças gritar de angústia nos seus últimos instantes. Haverá porventura algo pior que possa recear?

## **PRIMEIRA PARTE**

### A Matilha

Primavera e verão de 1795

*Tudo refulgia, porque tudo ardia.  
O que sucedeu?  
A chama extingue-se, e apenas cinzas  
restam nas mãos de ambos.*

CARL GUSTAF AF LEOPOLD, 1795

# 1

O outono dá lugar ao inverno, e um novo ano começa. A primavera sucede ao inverno, e uma lenda percorre a cidade entre pontes. É uma história edificante, só que não assusta as crianças, apenas os adultos. Diz-se que uma sombra vagueia de noite pelas ruelas e que, se no seu caminho se cruzar com um pecador de certa índole, infeliz deste. Sobre o seu aspetto, os testemunhos divergem. Parece ser alto e robusto, nisso o consenso é geral, mas a sua aparência horrível descarta que se trate de um ser humano. O seu crânio é calvo, eivado de cicatrizes que o percorrem entre um ou outro tufo de cabelo. Há quem diga mais: em vez da mão, tem uma garra escura, e será melhor permanecer além do seu alcance. Em torno da sua origem, ergue-se uma névoa de especulações e rumores. Diz-se que, quando ainda era homem, incendiou o orfanato de Hornsberget, mas ficou preso entre as chamas. Que o próprio inferno lhe recusou a entrada, e por isso regressou a este mundo para expiar o seu crime defendendo os mais miseráveis.

O pátio fica num plano inclinado, que nunca incomodou Frans Gry quando está sóbrio. No entanto, se se encontrar ébrio, a encosta prega-lhe partidas: por mais que se esforce por andar em linha reta, da porta de casa até à latrina, acaba sempre por se desviar para baixo e meter entre as urtigas, das quais se vinga sempre da mesma forma, recua um passo, baixa as calças, sobre a camisa e mija-lhes em cima. «Ao diabo a latrina escura e cheia de moscas!», grunhe, enquanto tenta esvaziar a bexiga de uma vez por todas. A cada ano que passa, a vontade de urinar é mais frequente, embora também seja mais difícil aliviá-lo. A verdade é que as urtigas ainda estão

húmidas; deve haver outros como ele. Depois de sacudir e guardar o membro, fica um pouco de pé, a olhar em volta. As casas de pedra envelheceram, custa a crer que só têm umas décadas; as fundações enterradas na encosta arrasada pelo galo vermelho, o grande incêndio que assolou o bairro de Santa Maria Madalena, em 1759. Para lá da última, assoma a baía de Gullfjärden, com a ilha de Stadsholmen no centro. Frans desejaria que a ilha se afundasse sob o peso dos palácios dos ricos que passam os dias ociosos a balbuciar em francês, enquanto ele só se pode permitir comprar um vinho tão azedo que o faz gesticular e sacudir a cabeça a cada gole. Fecha os olhos e consegue imaginar as águas cheias de urina e merda a subir e a escorrer através dos belos portões; vê uma frota inteira de barquinhos castanhos a castigar a petulância daqueles mandriões, enfiando-se inesperadamente nas bocas das velhas damas emperucadas que gritam, enquanto os cavalheiros se empoleiram nos luxuosos lustres de cristal e uivam com vozes de soprano. E a inundação nem teria de se ficar por ali. Pensando bem, gostava que a imundície também subisse pela sua própria encosta, desde que se detivesse abaixo do chão de sua casa. Adeus aos preguiçosos, às putas e aos mendigos. Solta um suspiro de prazer que logo se transforma em resignação, pois o sonho é tão belo quanto efémero: os moinhos continuam a moer ruidosamente, estalando e zumbindo. E, apesar de tudo, esse som é preferível à algazarra das crianças que correm por todo o lado, indistinguíveis umas das outras; quanto se persegue uma delas para a castigar, basta dobrar uma esquina para ela se confundir com as outras. Resta largar uma bofetada na que estiver mais perto para dar uma lição a todas. Frans amaldiçoa-as e regressa a casa a cambalear. A harpia da mulher ainda não regressou; há de dar-lhe uma tareia quando chegar, por via das dúvidas. Alegra-se por poder continuar a beber em paz, sem ninguém para o aborrecer ou provocar com assuntos tão comezinhos como a renda e a comida. Está sentado de garrafa na mão, a balouçar-se, e a sua mente viaja inevitavelmente para o passado. Com a lentidão da bebedeira, tenta organizar os

argumentos com que pode explicar os contratemplos que deitaram a perder a sua vida, exercício que repetiu durante anos com o mesmo zelo com que o filho do pastor revê o catecismo. Quando se sente satisfeito, permite-se pensar em assuntos mais agradáveis: a sua existência, tal como teria sido se a Coroa lhe tivesse agradecido pelos serviços prestados — brindes com vinho alemão em garrafas de cristal; ostras, passas e gofres; uma bela mulher sentada ao seu colo... — e a vingança daqueles que o ofenderam e menosprezaram — os difamadores torturados na roda, e ele a observá-los da mesa onde lhe é servido um banquete.

Batem à porta. Malditos sejam! Pancadas assim terão alguma vez anunciado boas notícias? Ignora-as e regressa aos seus pensamentos, mas então um pontapé arranca a porta aos gonzos, e alguém o agarra pelo pescoço e o arremessa ao chão. Só a inércia da bebedeira o salva de partir um braço ou uma perna, o pescoço, até. Os pontapés no traseiro e nas coxas fazem-no virar-se, e bate com a testa na esquina da porta. Vacilante, sai para o ar frio da noite de primavera e cai entre as urtigas molhadas, onde fica estendido por algum tempo, desconcertado, na esperança de que aquilo termine com a mesma rapidez com que começou, mas então ouve um som que ressoa nas fachadas das casas, tão familiar como o timbre da sua própria voz: a rolha da garrafa de que estava a beber há um instante apenas, a saltar. Consegue suportar muita coisa, mas tudo tem um limite. Levanta-se de novo sobre as pernas trémulas e ouve o silvo da garrafa a passar, aflorando-lhe a orelha, e estilhaçar-se contra a parede de pedra atrás de si. Pouco depois, uma mão agarra-o pelo cabelo e arrasta-o para o chão de terra, onde fica deitado, a arfar. Cada inalação lhe anuncia a presença das nódoas negras futuras. Alguém anda de um lado para o outro à frente dele, mas a escassa luz só lhe permite ver o seu contorno: a nuca sobre os ombros largos, os braços robustos. A vida providenciou-lhe um certo faro para o perigo, o suficiente para intuir a ameaça de algo pior; uma ira contida paira no ar como uma tempestade iminente, e o homem que tem diante de

si está tenso como uma corda. Tomado de pânico, tenta identificar o motivo para o que lhe está a suceder, mas há tantos por onde optar! Experimenta o primeiro que lhe vem à cabeça:

- Sei que as paredes são finas, e já me disseram que ressono...
- Silêncio.

Gry revê os nomes dos seus credores e escolhe um ao acaso:

— Sei que estou em dúvida para com o Jan Trolös, da taberna. Já a teria saldado, não fosse o mal-entendido: o Trolös estava tão bêbedo que pensei que não se lembraria.

- Fecha a matraca!

A voz é grave e afónica, como se saída de uma garganta inadequada para a fala humana, e, de repente, Frans lembra-se das histórias que ouviu. Junta dois mais dois; o monstro foi à sua procura. Obedece, em silêncio.

— A mulher cujo leito partilhas tem uma filha que não é tua: Lotta Erika. Deve estar a fazer treze anos.

Frans anui, reticente.

— Tentaste enfiar-te debaixo dos seus lençóis e, quando ela te arranhou a cara, expulsaste-a de casa.

Frans abre a boca, mas não sabe o que dizer em sua defesa.

— Amanhã, ela voltará para cá. Se lhe voltares a pôr a mão em cima, corto-ta e dou-a a comer aos porcos.

A aparição aproxima-se e agacha-se a apenas um passo de distância. Frans baixa a cabeça para que aquele rosto não habite os seus pesadelos dali em diante. Uma pancada na canela fá-lo dar um grito; a mão que lhe bateu é dura como um cacete.

— Adorava deixar-te aleijado para sempre, partir-te braços e pernas. Só não o faço por um motivo, vais alimentar e cuidar dessa menina como se fosse tua filha. Se saíres desta ilesa, a ela o deves. A Lotta sabe onde me encontrar. E, se ouvir alguma queixa, voltaremos a encontrar-nos. Entendido? Dar-lhe-ás um xelim todos os fins de semana.

- Mas eu...

— Há muito trabalho a fazer, mesmo que o consideres indigno de ti: carregar barras de ferro para a balança de Järnvågen, limpar estábulos, remexer o estrume. Os verdadeiros homens encontram sempre algo com que se ocupar. Sei que outrora não eras um mandrião e um inútil.

Aquelas palavras acabam de dissipar a bebedeira. Vasculha a memória em busca daquela voz e daquele perfil. Fica sentado, enquanto o monstro se levanta, dá meia-volta e começa a descer, procurando o caminho que conduz à clausa de Polhem. Sustém a respiração até ficar sozinho e, então, vencendo o desconcerto, duas memórias se apresentam ao seu espírito: um rosto e um nome.

— Cardell! Mickel Cardell! Estavas no *Ingeborg*, e eu no *Alexander*, ancorado em Kråkskär quando o *Príncipe Nassau-Siegen* atacou. Vi o teu barco explodir e afundar-se.

Tudo vai começando a fazer sentido; Frans franze a testa, como que para obrigar o cérebro a obedecer, e faz um esgar de repugnância quando se consegue recordar:

— Dizem que estavas presente quando Hornsberget ardeu! Que a culpa foi tua! Chamam-te assassino de crianças!

Poucas vezes pensou com tal clarividência; o ódio e a humilhação perseguem as memórias e depositam-nas diretamente no seu colo.

— Estás aqui para aliviar a consciência, não pela Lotta, maldito egoísta!

Levantou-se e deu alguns passos vacilantes na direção por onde Cardell desapareceu.

— Dou-lhe de comer, mas isso não fará as crianças mortas levantarem-se dos túmulos. Achas-te melhor do que eu, Cardell? Não és; és pior, pior! Ao pé de ti, sou um santo; não tenho as mãos sujas de sangue.

Assusta-se com as próprias palavras e apressa-se a atravessar o pátio. Transpõe o portão, sobe as escadas e lança um gemido lastimoso diante da porta desengonçada, que já não lhe oferece qualquer

proteção. Faz os possíveis para montar as peças e devolvê-la ao seu lugar. Frustrado, senta-se no chão, de novo só, a tremer de alívio, de medo, de triunfo.

Cardell deteve-se ao virar da esquina, fora do campo de visão de Frans Gry, e espera um instante até que a respiração ofegante regresse à normalidade. Desejava ter estado suficientemente longe para não ouvir o que aquele homem lhe gritou, mas cada uma das suas palavras açoitou-o como um chicote. Fica ali, de pé, durante muito tempo, tentando consolar-se a pensar que, graças a ele, talvez aquela rapariguinha, Lotta Erika, viva um pouco melhor. Não era ela quem procurava, mas ele próprio. Costuma cruzar-se pela rua com muitas jovens atormentadas, as quais ajuda como pode. E às vezes elas também o ajudam. São em grande número, ouvem e veem imensas coisas, e a sua própria vulnerabilidade permite-lhes o acesso a lugares que a ele estão vedados.

## 2

Batem-lhe à porta do quarto, e Cardell pestaneja para soltar as teias de aranha dos olhos. Dormiu vestido, pelo que se levanta de imediato, rodeado do vapor produzido pela sua respiração. Enxota o frio, roda a fechadura e depara com um rosto pálido envolvido num xaile, talvez uma das muitas raparigas a quem emprestou os punhos em alguma contenta de que já não se lembra. Ela cumprimenta-o com uma vénia e depois baixa o olhar; a perturbação é mais forte do que o sentimento de gratidão. Ele já aprendeu que só o fitam diretamente uma vez; depois, nunca mais. Talvez o façam por consideração, pelo menos em parte, mas para ele não passa de uma forma de se lembrar das graves queimaduras que o marcaram.

— Os pescadores já regressaram ao lago Klara, vi o fumo das suas fogueiras. Pediu-me que estivesse atenta e que o avisasse, lembra-se?

Cardell não se consegue lembrar do nome da rapariga, mas tudo ganha imediatamente sentido; trabalhava para um comerciante do planalto de Ryssgården que costumava contar mal as moedas que lhe dava como pagamento e, à laia de consolação, lhe oferecia o calor da sua própria cama.

— Muito obrigado.

Ela faz outra vénia; aprendeu que a submissão é quase sempre preferível.

— Para além disso, está tudo bem? Comeste alguma coisa hoje?

Agradece pelo facto de a rapariga assentir, porque o pedaço de pão duro que lhe resta na caixa poria à prova os dentes de qualquer um, e teria vergonha de o oferecer a uma convidada. Ela aquiesce desajeitadamente com a cabeça, faz outra reverência, dá meia-volta

e desaparece a toda a pressa, com passos silenciosos. Cardell engole o pão da melhor maneira que consegue antes de vestir o casaco que virou do avesso para gastar o outro lado. Nos cotovelos, o tecido está tão coçado que parece gaze. Cardell resmoneia por ter de se acautelar para que o punho de madeira não rasgue o tecido; se lhe tivessem amputado o braço esquerdo um pouco acima, pelo menos só gastaria uma das mangas.

A superfície dura do lago Mälaren fendeu. A transbordar da água do degelo, os rápidos de Strömmen parecem um braço irado a empurrar placas brancas, algumas tão grandes que ficam atravessadas entre os pilares de pedra da ponte de Norrbro, onde se vão acumulando até formar uma espécie de montanha branca que ameaça derrubá-la. Aqueles que ousaram meter por esse caminho apressaram-se a calcorreá-lo até à outra margem; se não se lembram de as águas da primavera terem arrastado a ponte quinze anos antes, outros lho contarão de bom grado. O gelo parte-se assim com estrondo e segue o seu ruidoso caminho por baixo, já livre para açoitar os cascós dos barcos ancorados no Báltico.

Cardell atravessa-a a toda a pressa e passa diante da zona portuária de Röda Bodarna, as Barracas Vermelhas, onde as pessoas se apinharam movendo-se de um modo que só comprehende quem alguma vez sentiu frio. A primavera aproxima-se, a escuridão cede, é preciso trabalhar arduamente, preparar tudo para a estação do comércio. No ponto em que alongaram o cabo, outra ponte atravessa o lago Klara. É mais comprida e está mais exposta do que aquela que permite transpor a corrente, mas as águas do lago são mais calmas. Agarra-se com a mão boa à corda esticada à laia de balaustrada, olha com atenção e verifica que a rapariga tinha razão, os pescadores vindos do curso superior já ali se encontram. Observa as suas embarcações estacionadas na praia e a fumarada que se ergue do acampamento.

O caminho pela margem da enseada é perigoso, o gelo é traçoeiro e pode ceder em qualquer momento, fazendo com que a bota

se afunde na lama fria. Os seixos que o gelo por fim libertou também não são de fiar. Avança com grande dificuldade, com uma maldição sempre pronta nos lábios, e chega sem sobressaltos ao lugar em que aquelas pessoas se encontram. As redes estão suspensas em fila, entre postes de madeira, e mulheres e crianças afadigam-se em torno delas. Os homens vão e vêm entre os barcos, executando todo o tipo de tarefas que Cardell desconhece. Detém-se, indeciso e ignorado, até que o seu olhar se cruza com o de um homem barbado, com o cabelo crespo, o qual está sentado num banco a defumar peixe. Não se percebe bem se tem o cabelo escuro permeado de alguns fios brancos ou se a fuligem lho tisnou completamente. Está de vigia ao fogo, sendo possivelmente um velho. Cardell nota que um só olho o percorre de cima a baixo, interessando-se pelas botas que a Coroa lhe forneceu e pelo cinto branco por baixo do casaco, demorando-se no seu rosto queimado. Pigarreira e diz, de forma rude:

— Foi boa, a pesca?

O homem encolhe os ombros sem se comprometer e faz um gesto com a cabeça, apontando para a cintura de Cardell.

— Há por aí tabaco?

A sua voz é aguda como a de uma mulher, débil e frágil como a dos velhos, como se já não tivesse força nos pulmões e brotasse diretamente do fundo da boca. Solta o saquinho que traz preso ao cinto e estende-lho. O velho corta então um pedaço com uma navalha minúscula que lhe aparece na mão como se já a tivesse preparada. Começa a mascar e cospe o líquido. Cardell encontra uma pedra plana ali perto e tenta sentar-se, mas é muito baixa e fica meio de cócoras. Sabe que pagou o preço exigido e aguarda em silêncio; no entanto, o homem mastiga demoradamente, antes de se dar por satisfeito.

— Então?

— Ando à procura de uma pessoa desde o inverno passado. Conversei com as pessoas da ilha de Kungsholmen, mas todas as pistas desaparecem aqui, no lago Klara. Estive doente durante muito tempo, e o gelo espalhou-se antes que conseguisse falar convosco.

Aguardo o vosso regresso desde então. O homem faz um breve aceno com a cabeça, sugerindo que a informação não o surpreende, mas não diz nada. Cardell não tem outro remédio senão continuar:

— Procuro uma rapariga loura com a roupa suja de fuligem do grande incêndio do outono passado em Hornsberget. Chama-se Anna Stina.

O homem escarra e tossica, para limpar a garganta.

— Já sou mais velho que o diabo. O mar levou-me o pai, a febre, a minha mãe, e vivi mais anos do que qualquer dos dois. Agora não sirvo para muito mais do que para vigiar o lume, mas tenho muito tempo para refletir. — Pela primeira vez, vira-se para Cardell e abre o olho que tinha fechado. Tem uma mancha branca na pupila; um berlín de mármore no fundo de um buraco. — Quando abro o olho mau, vejo uma sombra entre as árvores e as pessoas, sobre as vagas, diante das velas dos barcos... digo para mim mesmo que é a sombra da morte. A cada dia que passa, aproxima-se um pouco mais de mim. Penso muito nela. Nunca é bom saber quando chegará, mas aguarda-nos a todos. Partimos quando ela quiser... — Aponta com o queixo para os miúdos a remendar as redes. — Velhos ou novos, um passo em falso no convés, e está tudo acabado. Mas os velhos sabem que temos de a esperar como se fosse um convidado, deixar-lhe a mesa posta, o lume aceso. Não tenho mais medo do que o necessário. No mar nunca temos missa, e há muito tempo que não ouço o Evangelho, mas ao longo dos anos disse suficientemente mal dos mortos para saber que ninguém deveria ir para o túmulo carregando as suas dívidas. Decidi resolver as minhas contas, enquanto ainda tenho tempo, quero os meus assuntos em ordem. — O ar refresca com o vento que entra da baía, e o velho cinge o xaile junto dos ombros. — Lembro-me de muitos motivos pelos quais um homem poderá procurar uma rapariga, e nem todos são bons.

Cardell cora como um tomate.

— Não é para lhe fazer mal. — Repara que o coração acelera; sente um nó na garganta, e a visão tolda-se-lhe. Alonga o braço para

apanhar um punhado de neve e usa-o para arrefecer a testa e o pescoço. Só quando tem a certeza de que voltou a acalmar-se e de que a sua voz é suficientemente firme para não ceder, volta a abrir a boca. Levanta o rosto e depara de novo com uns olhos que não cessaram de o observar. — Mas também eu tenho dívidas a quitar.

O velho fica um instante em silêncio antes de assentir e voltar a falar.

— Lembro-me dessa rapariga. Teria gostado de a ajudar, mas era impossível, aqui somos muitos, nada temos de sobra. A família vem em primeiro lugar, não é? Em breve, já não poderei trabalhar, e será tempo de me lançar ao mar antes de ser um fardo para eles. Em todo o caso, alegro-me por teres vindo, este assunto pesava-me na consciência, e talvez afinal a possa ajudar. — A dose de tabaco que tem na boca já não dá para mais, de modo que escarra. Cardell volta a oferecer-lhe o saquinho. — Foi no dia a seguir ao incêndio. Na cidade, os sinos tinham passado a noite inteira a dobrar; vimos o resplendor das chamas da margem, mas as preocupações das pessoas em terra firme não são as nossas. Quando amanheceu e o fumo começou a dissipar-se, vi-a sentada na praia, ali. — O velho assinala um salgueiro com parte das folhas submersas, na baía, a cem passos do local onde se encontram. — Era exatamente como a descreveste: loura e com a roupa tisnada.

»Estava sentada, muito quieta. Na manhã seguinte, quando viram que continuava sem se mexer, uns miúdos aproximaram-se para ver o que se passava, mas ela não respondeu, nem mesmo com um gesto. Então, deixaram-na em paz; se estava mal ao ponto de nem dar pela presença dos seus pares, era melhor deixá-la sossegada. Mas eu estava onde me encontro agora e durante três dias vi-a ali, na praia, praticamente sem se mexer. Dois sulcos brancos percorriam-lhe as faces; as lágrimas tinham corrido, eliminando a fuligem.

— E depois?

— Na tarde do terceiro dia, apareceu um jovem, sentou-se ao seu lado e falou com ela. Observei-o a aproximar-se, vi como se

comportava e pensei que a conhecesse. Não sei se ela respondeu, mas ele pegou-lhe na mão e conseguiu que se levantasse. O dia estava limpo, e observei-o enquanto a ajudava a atravessar a ponte. Perdi-os de vista quando chegaram ao outro lado, mas sei para onde iam.

Aponta com o dedo para a cidade entre pontes, que, à distância, brilha, minúscula, no meio da ilha. Os campanários das igrejas, finalmente livres de neve, fazem pensar num homem a afogar-se e a erguer as mãos, pedindo socorro.

— Disse-te tudo o que sei. Deixa-me agora continuar a vigiar o lume. É uma tarefa muito importante. Mas que digo! Vê-se bem no teu rosto que o sabes melhor do que ninguém!

# 3

Bem cedo, Emil Winge é arrancado a um sono nada repousante. É um mensageiro da Casa Indebetouska, bastardo de algum dos agentes da polícia, ou um vagabundo do qual se apiedaram. Cabelo louro e sujo, roupa demasiado fresca para o tempo que faz, nariz ranhoso, satisfeito por alguém o encarregar de uma tarefa que implica correr, para assim se livrar do frio. À ombreira da porta de Emil, saltita no mesmo sítio para conservar o calor.

- A sua presença é solicitada na rua Yxsmedsgränd.
- Um segundo.

A luz do quarto é ténue, e Emil tem de captar com o *Beuring* a fraca luz que incide nas pedras rosa do mostrador: cinco horas de uma madrugada húmida de primavera que ainda parece inverno. Veste o sobretudo e desce as escadas. O rapaz desapareceu, deve andar por ali, a pensar que o «segundo» a que Emil se referia lhe daria algum tempo livre. Lá fora, a noite recusa-se a partir, e os lampiões da rua consumiram todo o seu óleo. Winge vira as abas do colarinho do casaco e tenta lembrar-se do caminho até à morada que lhe deram. A cidade entre pontes ainda lhe prega algumas partidas, apesar de a conhecer melhor a cada dia que passa, pode sempre hesitar nos cruzamentos, enganar-se e ter de voltar para trás. A rua em causa fica perto de Flugmötet, disso tem a certeza. Descobriu que a montanha de excrementos junto ao cais de Kornhamn o ajuda a orientar-se; se o vento soprar de sul, arrastando consigo o fedor, pode sempre confiar no nariz e encontrar o local procurado. Mas a manhã atraiçoa-o, a brisa da noite amainou. Decide descer a encosta, cruzando os dedos.

Um oficial e dois ajudantes encontram-se à sua espera na rua Yxsmedsgränd. Emil reconhece a cara do oficial, bem como a dos outros dois, mas os nomes escapam-lhe. O seu ar de desconcerto denuncia-o diante do oficial.

— Mårten Johansson.

Apenas ele avança um passo para cumprimentar, os dois agentes da polícia mantêm a distância, embora ambos lhe dirijam uma reverência respeitosa. Emil ouviu-os sussurrar ao longe, sabe que lhe deram a alcunha de Pequeno Fantasma. Tratam-no com uma cortesia distante, como um credor que contraiu peste. Uma brisa maliciosa sopra-lhe no rosto um aroma a aguardente, e as faces rosadas dos dois homens indicam-lhe que beberam ao pequeno-almoço. Emil sente uma pontada de inveja no estômago face à embriaguez que eles se podem permitir e ele não. Pisca os olhos, engole a saliva e dirige-se de novo ao oficial para ser informado. Um dedo aponta-lhe uma figura prostrada no chão, a cara escondida sob uma casaca.

— Esse aí levou uma traulitada na cabeça suficientemente forte para lhe abrir o crânio. O Sigvard e o Benjamin estiveram nas escadas, a fazer perguntas aos vizinhos. Ninguém viu nem ouviu nada, o que é estranho, no caso de ter havido uma rixa. As discussões que ocorrem do outro lado das janelas são um dos poucos entretenimentos que as pessoas se podem permitir. Sem testemunhas, o caso parece irresolúvel. Normalmente, ter-me-ia contentado em mandar trazer os coveiros, mas o Emil tem fama de ver aquilo que escapa aos outros.

— Quem o encontrou?

— Um guarda andava a fazer a ronda por aqui, há coisa de uma hora, e caiu com as fuças no chão depois de tropeçar no cadáver.

— Já estava assim deitado quando aqui chegaram?

— Mais ou menos. Limitámo-nos a afastá-lo para o lado, uns quantos passos para a direita.

Não é preciso pedir que o deixem trabalhar sem o incomodarem. Os três recuam, dão-lhe espaço, acendem os cachimbos uns

aos outros. Emil repara nos seus olhares e hesita; para eles, é uma espécie de espetáculo. Cochicham.

O morto jaz virado para cima. Winge levanta a casaca que lhe faz as vezes de sudário e, com um gesto, indica a um dos agentes da polícia — o que está a tiritar, em mangas de camisa — que a peça de roupa já serviu a sua função. Vê um homem de cinquenta anos a fitar o céu de olhos arregalados, a boca aberta. Tem a cabeça praticamente calva, à exceção de umas quantas madeixas ralas e inúteis. A ferida é negra e azul, a maior parte do sangue ficou acumulada sob a pele inchada. É como se tivesse posto um barrete escuro para morrer ou lhe tivessem feito a tonsura com um ferro em brasa.

Cecil diz: «Vê os bolsos.» Emil vasculha o casaco e encontra um saquinho com tabaco com as pontas mal atadas, que acabou por encher o fundo com as folhas. Noutro bolso, encontra um relógio, mas já não funciona, os ponteiros estão tortos sob o vidro partido, mas por dentro do cós das calças, protegida pela dobra do abdómen, encontra uma bolsa. Ouve moedas tilintar dentro dela. Cecil diz: «Não foi um assalto. E os homens da mesma classe social raramente se envolvem em lutas. Pensa na sua idade, olha para a roupa, não lhe falta dinheiro, nem um lar. Não teria resistido a um roubo ao ponto de ser assassinado, nem teria lutado com ninguém para se defender.» Emil perscruta o terreno encosta acima, observando a lama sobre o empedrado.

— Estava a chover quando chegaram?

— Como se Deus Nosso Senhor tivesse confundido Estocolmo com um penico.

Cecil diz: «Vê mais de perto.» E Emil põe-se de cócoras para raspar a lama, tendo o cuidado de não sujar a fímbria do casaco.

Ouve os polícias murmurar; por enquanto, não os está a decepcionar. Um deles começa a assobiar uma melodia que Emil ouviu os bêbedos cantar, uma paródia da história bíblica de Noé. Provavelmente, a frase do companheiro trouxe-lha à memória. Um pouco acima, na ruela, uns degraus conduzem a uma porta grande. Cecil

diz: «Era ali que estava sentado». Acrescenta: «Procura no chão, procura na parede.» Embora não sejam fáceis de ver, na madeira da porta encontra salpicos suficientemente frescos para sujar as pontas dos dedos de vermelho, bem como os degraus de pedra, que a chuva não conseguiu lavar. Ispéciona o chão em volta. Cecil diz: «O homem traz os anéis na mão direita, a que usa menos; deve ser canhoto.» No chão, há fragmentos brancos de barro cozido. Cecil diz: «Olha para a boca dele.» E Emil regressa para junto do cadáver e utiliza um dedo mindinho reticente para abrir a boca um pouco mais e ver melhor, mas não lhe serve de muito. Ali dentro reina uma escuridão sepulcral. Tem de usar os dedos para apalpar. Depois, limpa a mão no colete do defunto, volta os olhos semicerrados para o céu noturno e dirige-se em voz alta aos polícias:

— Podem abrir a porta?

Obedecem. Um deles chama à janela mais próxima e agita a sua placa até que uma mulher sonolenta vai abrir. Winge sobe as escadas e só pára quando se encontra defronte da porta do sótão. Encosta o ouvido e ouve aquilo que já esperava: o som de raspar e guinchos. Deve haver ali centenas de ratos. Os vizinhos, meio a dormir ainda, sabem que um comerciante aluga o quarto como armazém de cereais, mas, antes que possam dizer alguma coisa, o oficial faz um gesto a um dos agentes, que empurra a porta até a fazer ceder. Um odor bafiento a humidade inunda o ar. Os ratos estão por todo o lado: manchinhas pegajosas ligeiramente mais escuras do que as sombras. Lançam-se sobre os sacos de cereais, fazem o pano deformar-se e mexer-se a partir de dentro. O tesouro que descobriram é demasiado valioso para se deixarem importunar por seres humanos. Um dos agentes dá pontapés e bate palmas, mas só a alimária que se encontra mais perto, se tanto, parece dar-se conta.

Emil tira uma mão-cheia de aveia de um dos sacos, sopesa o cereal húmido, fareja-o em busca de mofo. Há infiltrações no teto. Por detrás dos sacos, encontra-se um alçapão duplo que se abre para o vazio, quatro andares acima do chão de pedra da rua. Emil puxa

o ferrolho e empurra até que a porta do alçapão trava e fica aberta. Mesmo por cima da sua cabeça, descobre uma viga com um gancho para içar produtos e móveis. Emil dá meia-volta e desce até à rua, passa ao largo do cadáver e continua encosta abaixo. Examina a valeta onde a vertente se nivelou e acaba por encontrar aquilo que procurava: uma trave de madeira manchada de sangue que rolou pelas pedras lisas da ruela até deparar com um monte de escombros. Agora já consegue imaginar a cena, as circunstâncias daquela morte, e esmorece a ilusão tímida que acalenta sempre dentro de si; que um dia o chamem para investigar um charco de sangue do qual partam as pegadas furtivas de Tycho Ceton. Faz um gesto ao oficial para que se aproxime. Os dois agentes seguem-no, mortos de curiosidade.

— Não se trata de homicídio, mas de um acidente, embora bastante curioso.

Os agentes trocam olhares, e o oficial abre as mãos, instigando Emil a explicar-se. Este aponta para a escada.

— Estava ali sentado. Provavelmente, voltava para casa vindo da taberna, dos bordéis da rua Baggensgatan ou de qualquer outra diversão com que a noite o tenha presenteado. Talvez tenha adormecido, de cachimbo na boca, pois a verdade é que a tem cheia de pedacinhos de barro cozido, estando o resto ao lado da escada. O cereal armazenado no sótão está podre há muito tempo, há goteiras, uma camada de vários anos de pó em cima das tábuas do soalho e um sem-fim de ratos. Se interrogarem o proprietário, aposto que vos dirá que o comerciante que o aluga abandonou a mercadoria, estragada como está. Poderá até haver registo de uma disputa judicial devido à falta de pagamento. Esta noite foi muito ventosa; eu próprio ouvi silvar antes de me enfiar na cama. A trave estava presa com um laço que deve ter roçado no gancho até se desfiar, pelo que aquela se precipitou no vazio. Azar deste homem ter-lhe caído em cima da cabeça e depois continuado a rolar até lá abaixo, onde a encontrei, suja de sangue. Duvido muito que pese mais de dez libras: se este indivíduo não se encontrasse de permeio, ter-se-ia partido

em dois degraus de pedra. É muito provável que o homem também tenha rebolado até ao ponto onde o encontraram ou talvez se tenha levantado e cambaleado uns quantos passos até tombar no chão, ter uma convulsão e morrer, é o que costuma acontecer nas contusões cerebrais.

Detém-se perante uma imagem que lhe vem à memória: Erik Drei Rosen sentado numa cadeira com um buraco no assento, a testa envolta numa faixa ensanguentada, borrifos no penico que tem por baixo. Estremece, e os agentes da polícia têm tempo de trocar olhares antes de ele recuperar.

— A trave esmagou-lhe o crânio, mas sem lhe abrir uma grande fissura, daí ter sangrado pouco, mas há salpicos em vários pontos. Se não tivesse chovido, tê-los-iam descoberto sem mim.

O oficial passa os olhos por tudo aquilo que Emil foi apontando.

— Que diabo! Que probabilidade haverá de nos cair uma trave em cima da cabeça?

Cecil diz: «É um problema que se encontra fora do alcance da matemática.» Emil contenta-se em encolher os ombros.

— O mundo não seria tão bizarro se não acontecessem coisas estranhas o tempo inteiro.

— E de quem foi a culpa?

Cecil diz: «Não é caso para procurar culpados.»

— Se vos aprouver, podem dividir a responsabilidade entre o comerciante e o proprietário, mas não me parece que se vá muito longe com isso. Suponho que ambos terão maneira de se justificar. O verdadeiro culpado é o acaso. Os familiares acabarão por aparecer. Também lhes pode contar tudo, e que sejam eles a decidir se vale a pena levar o assunto aos tribunais.

O oficial cofeia a barba do queixo sem se comprometer com um lado nem com o outro.

— Que assim seja, então. Muito obrigado pela sua ajuda.

Emil responde com uma inclinação de cabeça, dando meia-volta para se ir embora. Os três seguem-no com o olhar, mas não

conseguem esperar que dobre a esquina até começarem a falar ao mesmo tempo. Antes de desaparecer, Emil vê o agente que não conhecia dar umas moedas ao que vira anteriormente. Pela sua parte, sente apenas irritação, como se o tivessem obrigado a participar numa representação cujos diálogos eram pronunciados numa língua que não dominasse.

Quando finalmente desaparece, os polícias suspiram.

— Aquele tipo causa-me calafrios.

— Sim, mas, se quiseres entrar no mundo do crime, é melhor esperares que o mandem para o manicómio.

MAIS DE  
1 MILHÃO  
DE LIVROS  
VENDIDOS

# Niklas Natt och Dag



SUMA  
de lettras